

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

Zuleica Luana Kraemer

**A MEMÓRIA E A RELAÇÃO DAS DIFERENTES IDENTIDADES EM A *HISTÓRIA DE WALACHAI* E EM *LUÍS BUGRE: O INDÍGENA DIANTE DOS IMIGRANTES ALEMÃES***

Porto Alegre, dezembro de 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

Zuleica Luana Kraemer

**A MEMÓRIA E A RELAÇÃO DAS DIFERENTES IDENTIDADES EM A *HISTÓRIA DE WALACHAI* E EM *LUÍS BUGRE: O INDÍGENA DIANTE DOS IMIGRANTES ALEMÃES***

Monografia apresentada junto ao curso de Letras, como requisito parcial à obtenção de título de Licenciada em Letras na habilitação Português-Alemão pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann

Porto Alegre, dezembro de 2016

## CIP - Catalogação na Publicação

Kraemer, Zuleica Luana

A memória e a relação das diferentes identidades em  
A história de Walachai e em Luís Bugre: o indígena  
diante dos imigrantes alemães / Zuleica Luana  
Kraemer. -- 2016.

38 f.

Orientador: Gerson Roberto Neumann.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa  
e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Alemã e  
Literatura de Língua Alemã, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Imigração Alemã. 2. Literatura de memória. 3.  
Literatura Comparada. 4. Literatura Brasileira. I.  
Neumann, Gerson Roberto, orient. II. Título.

“Não percamos tempo com litanias estéreis ou mimetismos nauseabundos. Deixemos essa Europa que não cessa de falar do homem enquanto o massacra por toda a parte onde o encontra, em todas as esquinas do mundo. Há séculos... que em nome de uma suposta ‘aventura espiritual’ vem asfixiando a quase totalidade da humanidade.”

Jean-Paul Sartre, in *Os condenados da terra*, Franz Fanon

Zuleica Luana Kraemer

**A MEMÓRIA E A RELAÇÃO DAS DIFERENTES IDENTIDADES EM A *HISTÓRIA DE WALACHAI* E EM *LUÍS BUGRE: O INDÍGENA DIANTE DOS IMIGRANTES ALEMÃES***

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português/Alemão.

Aprovado em: 12 de dezembro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

Rita Lenira de Freitas Bittencourt - UFRGS

Antonio Marcos Vieira Sanseverino - UFRGS

Gerson Roberto Neumann - UFRGS (orientador)

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, em primeiro lugar, com todo o merecimento do mundo, por todo o esforço em me fazer acreditar que um mundo melhor é possível, por terem me colocado dentro da Universidade da forma guerreira como o fizeram, por terem me ensinado valores nos quais acredito muito, por me amarem da forma linda como o fazem.

Aos amigos Gustavo, Béthany, Dionatan, Livia, Bruno, Monique por todo carinho, paciência e parceria ao longo desses anos de amizade pura e verdadeira.

À Casa do Estudante da UFRGS e aos seus moradores, lugar onde fiz a segunda Faculdade.

À Natália Riedner, por todo o companheirismo e compreensão ao longo do curso, mas principalmente na reta final. Obrigada!

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, gratuita e de qualidade que sobrevive firme e forte, mesmo em períodos de grandes inquietações, o que me marcou bastante principalmente na fase em que eu me encontro. Quero muito que a universidade seja para os futuros estudantes como foi para mim, pública e de qualidade.

À Graci, por ter sido a facilitadora da minha entrada na Universidade, por todas as conversas que acalmaram minhas inquietações, por todos os ensinamentos e por ter colocado no mundo uma das pessoas que mais amo, o Matteo.

Aos professores do curso de Letras e da Faculdade de Educação da UFRGS, o meu mais sincero obrigado pela excelente formação docente e humana que me deram.

Finalmente e não menos importante, ao meu orientador Gerson Neumann que me acompanha desde 2010. Obrigada por ser esse profissional humano que és. Obrigada por toda a paciência e por todo o desenvolvimento que provocou em mim enquanto pesquisadora.

## Resumo

O presente trabalho analisa a relação das diferentes identidades nas narrativas de memória em *A história de Walachai*, de João Benno Wendling, e em *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães*, de Fidélis Dalcin Barbosa. Ambas as narrativas podem ser analisadas a partir da perspectiva da Literatura de Memória, ou seja, contam a história ou um aspecto específico da história de um lugar através da visão do escritor, o qual é também o narrador. A pesquisa, cujos resultados aqui se apresentam, originou-se do projeto de pesquisa Elementos da Cultura Alemã na Literatura Brasileira. Para que a pesquisa acontecesse, lançou-se mão de leituras sobre História da Imigração Alemã, Literatura de Memória e sobre a presença indígena no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. O objetivo é, portanto, que haja mais pesquisa em relação a esse tema, tão pouco estudado, porém, tão importante para a nossa história.

**Palavras-chave:** Imigração alemã. Literatura Brasileira. Literatura Comparada. Literatura de Memória.

## Zusammenfassung

In der vorliegenden Arbeit wird die Beziehung der verschiedenen Identitäten in Bezug auf das Thema Erinnerung in zwei Texten in Betracht genommen: *História de Walachai*, von João Benno Wendling und *Luíz Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães*, von Fidelis Dalcin Barbosa. Beide Erzählungen können aus der Sicht der Literatur der Erinnerung analysiert werden, das heißt, die Geschichte oder ein bestimmter Aspekt der Geschichte eines Ortes wird durch den Blick des Schriftstellers erzählt, der auch der Erzähler ist. Die Forschung, deren Ergebnisse hier vorgestellt werden, stammt ursprünglich aus dem Forschungsprojekt „Elementos da Cultura Alemã na Literatura Brasileira“. Um die Forschung fortzusetzen, beschäftigte ich mich mit der Lektüre von Texten zur deutschen Einwanderungsgeschichte, zur Erinnerungsliteratur und zur indigenen Präsenz in Rio Grande do Sul und Santa Catarina. Ziel ist es daher, dass mehrere Forschungen zu diesem leider so wenig untersuchten Thema erscheinen, denn es spielt eine wichtige Rolle in unserer Geschichte.

**Schlüsselwörter:** deutsche Einwanderung. Brasilianische Literatur. Vergleichsliteratur. Erinnerungsliteratur.



## Sumário

INTRODUÇÃO.....	10
2. Diálogo entre a Escrita da Memória e a História para analisar Literatura.....	15
2.1. O caso da imigração Alemã.....	17
2.2. A escrita da Memória e a Literatura.....	21
3 Análise das obras.....	23
3.1. A História de Walachai.....	23
3.1.1. O “fundador” de Walachai.....	24
3.2. Luís Bugre na visão de Fidélis Dalcin Barbosa.....	27
4. Considerações Finais.....	36
5. Referências Bibliográficas.....	39

## INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem sua origem nas minhas atividades como bolsista de iniciação científica no projeto de pesquisa Elementos da Cultura Alemã na Literatura Brasileira (ECALB), o qual tem por objetivo analisar obras da Literatura Brasileira que tragam em si características da cultura germânica como elemento principal. Isto é, as obras selecionadas até o momento contêm em seus textos algum elemento da cultura alemã. Por elemento germânico entende-se o sujeito-personagem imigrante e/ou o descendente/ascendente deste, a língua de origem alemã (comumente uma variação dialetal), costumes da cultura alemã (mesmo que a personagem seja brasileira).

A questão da imigração alemã na Literatura Brasileira é algo não tão raro quanto se possa imaginar, visto que houve, na história do Brasil, um desejo grande de branqueamento da população, desejo transformado em política e de fato praticado. Os imigrantes alemães têm, dessa forma, papel importante nessa política, e isso reflete-se também no campo da literatura. Em alguns dos casos em que estes aparecem, são eles próprios os narradores das histórias. Esse aspecto será desenvolvido a seguir no trabalho.

Também a Literatura de Memória faz parte de um campo de estudos no projeto ECALB, sendo aí proposta de uma análise dos registros em ficção de uma produção híbrida no terreno da migração, pois os autores usam da forma de relato, mas inserem elementos ficcionais, contando já com a leitura destes textos.

É o que encontramos em *A história de Walachai*, texto que será analisado mais detidamente ao longo deste trabalho. Sobre o relato de memórias na literatura, é interessante a passagem de Maria Zilda Cury:

O relato de memórias é compreensivelmente estratégia narrativa recorrente na literatura brasileira contemporânea, nos escritos que trazem o imigrante à frente da cena: os judeus de Moacyr Scliar ou de Samuel Rawett, os espanhóis de Nélide Piñon, os alemães de Fausto Wolff, os italianos de Zélia Gattai, os libaneses de Milton Hatoum. Tais escritos articulam vozes que, na sua diferença, não mais com a visada inicial dos primeiros europeus que aqui aportaram, mas através da fala de seus filhos e netos, se afirmaram como uma das alternativas ao longo discurso pretensamente uno e homogêneo da nacionalidade (Chauí, 2000). Estas ficções propõem em si mesmas uma abordagem não mais centralizada na soberania de culturas nacionais, nem tampouco no universalismo da cultura humana, indicando chaves para a leitura de um mundo em constante mudança. (CURY, 2006, p. 304)

A escolha de analisar *A história de Walachai* deu-se por algumas razões específicas: pelo fato de ser um livro lançado recentemente e, conforme minhas pesquisas, ainda não foi analisada no cenário acadêmico; também porque muitos dos aspectos de estudo do Projeto de

pesquisa ECALB são encontrados de forma muito rica nos escritos de João Wendling, autor do livro.

Na obra de análise há, além de outros aspectos, uma linha do tempo da formação do que hoje conhecemos como Walachai, a localidade do interior do município de Morro Reuter. O autor começa sua narrativa contando sobre o primeiro morador alemão, perpassa os anos mais notórios na vida do local, trazendo ao leitor um relato detalhado acerca de alguns traços que marcam aspectos culturais próprios desta comunidade e que são referência ainda em nossos dias, junto aos sujeitos que compreendem a comunidade de Walachai. Destaca ainda relatos de participações em conflitos armados e ocorrências das mais diversas como acidentes ou tragédias que marcaram o local, e termina já no início do século XXI.

O nome do local, Walachai, não tem uma origem exatamente definida, mas a conclusão mais aceita e difundida até hoje é a de que na Romênia tivesse existido uma cidade de nome “Wallachei”, “localidade de difícil acesso, povoada por gente pobre, distante de outros povoados”<sup>1</sup> e que, no período napoleônico, Mathias Mombach provavelmente tivesse passado pela região.

Na Alemanha, se apelidava de “wallacheier” (pessoa de Wallachei) quem morava distante de outro povoado. Assim, é bem possível que, devido a Mathias Mombach ter se estabelecido longe de Dois Irmãos e em local de difícil acesso, os moradores o tenham caracterizado com o apelido de “walacheier”. E quando alguém pedia informações sobre o paradeiro do velho alferes, recebia a resposta: “Ah! Esse mora no Walachei”. (WENDLING, 2013, p. 39)

Encontramos, inicialmente, o relato da chegada desse primeiro alemão, Mathias Mombach, e os entraves com a população nativa do local que hoje é conhecido como Walachai. Mais tarde, com as gerações já da metade do século XX, há o embate com a questão da língua a ser falada, principalmente nos anos que seguem o fim da Segunda Guerra Mundial, pois a língua materna dos imigrantes é o alemão e também dialetos locais trazidos de sua terra natal, porém, na escola, por exemplo, passa a ser obrigatório o uso do português e somente este. Ou seja, por um tempo a população simplesmente pára de falar, inclusive em casa, por medo de represálias.

Há uma falta de pertencimento a uma cultura específica que é percebida pela geração dos filhos e principalmente dos netos dos primeiros imigrantes que vieram da Alemanha. Os sujeitos da terceira geração que vivem naquele lugar não se reconhecem nem como alemães e

---

<sup>1</sup> WENDLING, João Benno. *A história de Walachai*, p. 39.

nem como brasileiros, marcando o lugar de pertencimento no “meio”. Deste modo, os aspectos culturais que marcam esses sujeitos articulam-se a um processo de hibridização, pois são constituídos entre duas experiências culturais constituidoras de suas identidades. Por um lado aos traços da cultura alemã, dos antepassados, da língua que falam, dos costumes que praticam; e por outro da cultura brasileira, da língua do local em que vivem, da terra em que nasceram, onde estudam, trabalham e vivem.

Nesse sentido, a Literatura de Memória traz ao campo da Literatura Brasileira a variedade de identidades pela qual é formada, desconstruindo a ideia de uma identidade nacional única. Pensando no objeto principal de pesquisa deste trabalho, em *A história de Walachai* há o relato de e sobre uma comunidade e de uma população que não se reconhece como pertencente à identidade alemã, porém também não como pertencente à brasileira.

Citando Huyssen, Cury (2006, p. 305) traz a questão do olhar perspectivo, onde “a memória encontra-se intimamente ligada às maneiras como uma cultura constrói e vive sua temporalidade, e as formas que ela tomará são invariavelmente contingentes e sujeitas à mudança”.

Desde a Pré-História, passando pela Antiguidade até os dias atuais, existe a necessidade de se registrar a memória de um coletivo ou mesmo de um indivíduo. As inscrições nas cavernas, por exemplo, já demonstravam isso. Pensando na questão da domesticação do pensamento selvagem, nomenclatura essa criada por Jack Goody e trazida por Jacques Le Goff em *História e Memória*, a memória (ou o registro desta) da comunidade de Walachai deu-se pela transformação do oral em escrito.<sup>2</sup>

O registro d’*A história de Walachai* começa a ser pensado em 1985 por uma professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, a qual pede ajuda à João Benno Wendling para tal trabalho. As pesquisas iniciam, porém, em um determinado momento, por motivos pessoais, a professora interrompe as visitas à comunidade e, não comparecendo mais, o professor João assume em 1992 o compromisso de dar continuidade às pesquisas e, dessa forma, à escrita. Esse registro da memória em *A história de Walachai* deu-se principalmente pela transformação do oral em registro escrito. As histórias e os dados tiveram origem na fala dos moradores do local e João Wendling transformou-os em narrativa de ficção.

No primeiro capítulo deste trabalho, “Diálogo entre a Escrita da Memória e a História para analisar Literatura”, a abordagem será sobre o modo como a Literatura pode ser

---

<sup>2</sup> Ver Le Goff, *História e Memória*, p. 419.

compreendida e analisada através do diálogo entre a História e a escrita da Memória. Aqui será tratado primeiramente o aspecto histórico da imigração alemã e, dessa forma, como a História fundamenta a análise da Literatura. Neste momento, será desenvolvida uma reflexão acerca da relação entre a Literatura e a escrita da Memória.

No segundo capítulo, “Análise das obras”, será realizada de modo específico a análise das obras *A história de Walachai* e *Luís Bugre – o indígena diante dos imigrantes alemães*. Nesse momento ambos os livros e seus respectivos autores serão apresentados. A análise das obras será realizada paralelamente a isso.

Para a análise da obra *A história de Walachai*, serão selecionados alguns capítulos do livro. O livro, como um todo, será visto e apresentado, porém, analisar todos os capítulos não será possível devido à extensão da pesquisa. Vale dizer sobre isso que o livro de João Benno Wendling traz capítulos em que o autor aborda temas que são independentes, mas que, na temática, se relacionam entre si. Os critérios de seleção dessas partes a serem analisadas estão ligados também ao tema principal de *Luís Bugre*, ou seja, o contato dos imigrantes alemães com nativos (indígenas). Concatenado a isso está a figura de Mathias Mombach, o primeiro imigrante morador de Walachai e pessoa que teve contato com os nativos.

Além do contato dos imigrantes, e principalmente a figura de Mombach, com os indígenas, serão foco de análise a narração de aspectos acerca da educação, da religião e da agricultura, pensando que são pontos bastante característicos desse grupo de imigrantes alemães em Walachai.

O segundo livro a ser analisado neste trabalho é *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães*, de Fidélis Dalcin Barbosa. A história do personagem Luís Bugre é uma história contada não apenas por Fidélis Dalcin Barbosa, como também por outros autores a exemplo de Matias José Gansweidt, o qual escreveu o livro *As vítimas do Bugre*, narrativa que trata do mesmo episódio do qual trata o livro de Barbosa aqui analisado.

A escolha de trabalhar com os escritos de Fidélis Dalcin Barbosa sobre a história de Luís Bugre deu-se pelo fato de este ser um dos livros inseridos no projeto ECALB e tratar de uma narrativa de memória. Também o fato de ter a relação entre índios e imigrantes alemães como protagonistas da história foi fator decisivo na escolha.

Diferentemente do que acontece em *A história de Walachai*, em *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães* a narrativa gira toda em torno do rapto da família Versteeg, ou seja, de um fato ocorrido dentro da história da imigração alemã na localidade de São Vendelino, no Rio Grande do Sul. Já em *A história de Walachai* o contato entre índios e

alemães é apenas um aspecto explorado por João Benno Wendling dentro da obra que conta a história da comunidade de Walachai.

Assim, no livro de Fidélis Dalcin Barbosa o episódio narrado em 68 páginas conta a desavença entre a comunidade nativa e os imigrantes alemães ocorrida no município hoje conhecido como São Vendelino. Essas desavenças resultam em um rapto planejado por Luís Bugre à família Versteg e a narrativa segue até o desfecho dessa história, quando apenas um dos integrantes da família sobrevive e volta ao convívio com a comunidade alemã.

## 2. Diálogo entre a Escrita da Memória e a História para analisar Literatura

O ser humano tem, há muito tempo, o costume ou, ainda mais significativo, a necessidade de registrar os feitos, ganhos, perdas e todo tipo de acontecimento individual ou do grupo ao qual pertence. Como exemplo de tal registro da memória podem ser citadas as pinturas rupestres na Pré-História. Ao longo dos tempos estas formas sofreram alterações e a memória então passou a ser registrada em forma de pintura, de esculturas, de escrita, na oralidade, etc.

Em um viés mais histórico, a memória produz documentos e/ou monumentos que se apropriam de um passado e, dessa forma, registram no presente algo que é concreto e acessível ao público.

Memória: Fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também à vida social. Esta varia em função da presença ou da ausência da escrita e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado, produz diversos tipos de *documento/monumento*, faz escrever a história, acumular objetos. A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social e político: trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo. (LE GOFF, 2003, p. 419. Grifos do autor)

A memória não é, desse modo, um campo de estudos ligado estritamente ao registro escrito na Literatura. É também objeto de estudo em outras áreas, como a Psicologia, a Psicanálise e a Biologia, entre outras. Interessa à Psicologia, por exemplo, saber como se adquire a memória no processo de aprendizagem. Essa aquisição muda inclusive de acordo com o tipo de sociedade e, portanto, os diferentes modos de compreender e de praticar a educação dos sujeitos.

A memória pode ser entendida sob muitos aspectos na atualidade. Fala-se tanto do código genético, que nada mais é do que a memória da hereditariedade. Também em tempos de tecnologias avançadas, falar de memória central dos computadores não soa estranho. Porém, são aspectos demasiado distantes do que será analisado aqui: as memórias na Literatura.

E então alguns estudiosos foram aproximando os campos mais científicos de estudo da memória com áreas humanas e sociais. Pensando na questão da linguagem, por exemplo, o que João Benno Wendling e Fidélis Dalcin Barbosa fizeram com as memórias dos imigrantes e descendentes de imigrantes alemães foi registrá-las em forma de escrita literária, de acordo com a visão que tinham sobre elas.

Assim, o registro da memória assume um posicionamento, não é neutro. No registro histórico também não se deveria assumir um ponto de vista, para que dessa forma o leitor possa tirar por si próprio através da reflexão as suas conclusões. Todavia sabe-se que no registro histórico também não há objetividade e neutralidade.

Henri Atlan explica, no livro *História e Memória* de Jacques Le Goff (2003, p. 421) como a linguagem e a memória aproximam-se uma da outra no objetivo de transmitir acontecimentos, feitos de um indivíduo ou de um povo àqueles que não estiveram presentes no momento do acontecido.

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória.

O tipo de Memória que é tratada aqui neste trabalho é de ordem escrita e oral. Oral porque nos registros de João Benno Wendling, por exemplo, a maior parte das informações dignas de seleção para registro são de ordem oral. Ou seja, muito do que Wendling traz em *A história de Walachai* são memórias de pessoas da comunidade de Walachai que lhe foram transmitidas via oralidade. De qualquer forma, nessa obra, as memórias da oralidade transformam-se em memórias escritas através do trabalho de Wendling. É diferente da memória oral de outras culturas.

Nesse sentido, Wendling utiliza-se da Literatura para apreender e registrar as memórias da comunidade de Walachai. É através da visão do autor que as memórias se tornam ficção. Da mesma forma ocorre em *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães*. A lenda do personagem Luís Bugre é conhecida e contada por muitas pessoas, sendo assim formas de registro sobre o tema. E é a forma de ver e de narrar de Fidélis Dalcin Barbosa que dá às memórias de um episódio marcante da imigração alemã na serra gaúcha o tom de ficção característico dos textos literários.

Assim, memória tem diversas significações entre as áreas científicas que a estudam. Algumas delas aproximam-se, pensando aqui nas obras de estudo deste trabalho e em algumas noções de memória.

[...] os psicanalistas e os psicólogos insistiam, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento, nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e



do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 2003, p. 422)

Com esse trecho, Le Goff permite-nos aqui refletir sobre como se deu o registro da memória na relação de diferentes povos, como nas obras de análise deste trabalho. Tanto em *A história de Walachai* quanto em *Luís Bugre* os senhores da memória não são os índios, e sim os brancos. Quem narra toma posição, isso é exemplificado diversas vezes, seja pela linguagem que usa (chamando índios de bugres, uma nomenclatura pejorativa), quando se fala em distribuição e ocupação de terras, no momento em que emergem costumes e tradições dos dois grupos, quando há transcrição de falas e o imigrante branco fala na forma normal padrão do português (mesmo não falando português e sendo apenas uma tradução do narrador) e o índio não.

Ou seja, na questão da língua, os dois grupos compartilham de “erros” de português, pois nem o imigrante alemão e nem o índio têm como língua materna o português. Mesmo assim, na transcrição do narrador isso não ocorre. Assim, compreende-se que o registro da memória, seja ela coletiva ou individual, possui nuances que vão além do mero registro pelo registro.

Registrar a memória de um grupo em um determinado tempo histórico não é uma façanha realizada sem objetivos. Quer-se falar de algo para alguém e através de um ponto de vista. É um registro que, no entendimento do escritor, merece/tem de ser conhecido e perpetuado.

## 2.1 O caso da imigração alemã

No livro *Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul (1824-1924)* consta que, no tempo em que o Rio Grande do Sul era povoado apenas por portugueses e por bugres<sup>3</sup>, havia 32 localidades mapeadas, das quais Porto Alegre era a única cidade. Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha, Rio Pardo e Cachoeira eram as 4 vilas existentes e, somado a isso havia mais 17 sedes paroquiais e 10 pequenos assentamentos. Essas 32 localidades somavam cerca de 100 mil habitantes.

---

<sup>3</sup> É necessário aqui esclarecer que a nomenclatura ‘bugre’ para a palavra ‘índio’ é utilizada no livro de referência supracitado, porém, não é de minha escolha.

A partir da chegada dos imigrantes alemães, a qual teve início no ano de 1824, esses números cresceram consideravelmente. Passaram a ser 26 cidades, 45 vilas e 129 sedes paroquiais.

Pode-se afirmar, sem exagero, que, sob o aspecto meramente cartográfico, o Rio Grande do Sul cresceu vinte vezes nos cem anos que se seguiram à chegada dos primeiros imigrantes. Tal crescimento, sem dúvida, deve ser creditado de modo especial à imigração e à colonização. (CEM ANOS DE GERMANIDADE NO RIO GRANDE DO SUL, p. 46)

Neste período, surgiram no município de Porto Alegre 7 colônias alemãs, sendo a principal delas o atual município de São Leopoldo. No livro supracitado consta que o progresso de Porto Alegre aconteceu, principalmente, devido à colonização alemã, como se pode ler na passagem:

Porto Alegre deve seu progresso em grande parte a esses e a outros municípios coloniais. A agricultura e a indústria cresceram muito mais rápida e mais vigorosamente nos municípios coloniais do que em outras regiões. Desta maneira foi possível que numa área muito menor uma população muito mais numerosa encontrasse condições de progredir mais do que nos territórios povoados por portugueses e seus descendentes, fazendo com que surgissem 14 municípios num espaço de tempo relativamente curto. A soma de todos os 18 municípios coloniais com seus 600 mil habitantes dispõe de uma superfície que supera em apenas 4 mil quilômetros quadrados o município de Passo Fundo antes que Erechim se separasse. Não resta dúvida, são provas palpáveis de onde veio o progresso do Rio Grande do Sul, obviamente em primeiro lugar da colônia. (CEM ANOS DE GERMANIDADE NO RIO GRANDE DO SUL, p. 46)

O *boom* de crescimento populacional do Rio Grande do Sul não foi sinônimo, porém, de imigrantes alemães viverem sem a companhia de outros grupos étnicos. A impossibilidade, por exemplo, de isolamento da comunidade indígena e de imigrantes alemães devido à ocupação do mesmo território em alguns locais provocou uma sobreposição de um grupo em relação ao outro.

Tanto em *A história de Walachai* quanto em *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães*, são retratadas as relações de personagens imigrantes vindas da Alemanha e estabelecidas em territórios gaúchos, que já contavam com a população nativa daqui – os índios.

Em *A história de Walachai*, a relação entre índios e alemães se dá de uma forma não muito clara para o leitor, pois nas memórias de Wendling não consta que houve de fato contato pessoal entre os dois grupos. Esse contato subjetivo aconteceu com Mathias Mombach, juntamente com sua família, pois via-se fumaça na mata e, devido ao fato de terem

vivido 20 anos “isolados” em Walachai, supunham então que os responsáveis pela fumaça seriam índios. Mais tarde, as gerações posteriores à de Mathias Mombach encontraram objetos e utensílios domésticos, os quais acreditavam pertencerem à cultura indígena.

Apesar de nas memórias de Wendling constar que Mathias Mombach havia construído uma casa projetada para proteger-se dos possíveis ataques de índios, não consta na narrativa que de fato algum tipo de conflito e/ou ataque tenha ocorrido. Existia a hostilidade e em alguns momentos aconteceram tiros por parte de Mathias, mas imigrantes alemães não chegaram sequer a ver índios. E, dessa forma, com o passar do tempo os índios sumiram daquele local.

Em *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães* o contato entre alemães e índios é direto e conflituoso. Porém, nesse caso, comparado ao contato indireto em *A história de Walachai*, aqui quem predomina são os índios, pois capturam integrantes de uma família. E essa família, com uma exceção, não volta mais a ter contato com sua comunidade original, é uma tragédia vista pelo lado dos imigrantes, mas, de certo modo, como uma vitória pelo lado dos índios, principalmente para Luís Bugre.

A narrativa escrita por Fidélis Barbosa se passa em uma região que foi predominantemente colonizada por italianos. As regiões da Serra Gaúcha foram colonizadas bem mais tarde pelos alemães, se comparadas à região do Vale do Rio dos Sinos. Considerando que Walachai foi habitada pelos primeiros alemães em 1829, ou seja, cinco anos após o início da colonização alemã no Rio Grande do Sul, e considerando que imigrantes italianos começaram a chegar na Serra Gaúcha em 1875, alemães na Serra chegaram ali bem tarde em comparação às regiões iniciais de colonização,

a fim de explorar a imensa riqueza da serra, o Governo Imperial e o Governo Provincial resolveram contratar imigrantes especializados em agricultura. Começaram então a chegar milhares de levas de colonos alemães, italianos, poloneses e de outras nacionalidades.

Os alemães, a partir de 1824, ocuparam a região banhada pelos rios dos Sinos, Caf e Taquari, onde, desenvolvendo a agricultura, fundaram as cidades de São Leopoldo, Novo Hamburgo e dezenas de outras. Os italianos, a partir de 1875, desbravaram a montanhosa região do rio das Antas, fundando Caxias do Sul, Bento Gonçalves e muitas outras cidades. (BARBOSA, 1977, p. 9)

Nesse sentido, levando-se em conta que os índios já haviam tido conflitos com alemães nas primeiras regiões de imigração alemã, poderiam muito bem ter subido a serra. E sim, lá encontravam-se alguns deles com os quais personagens como os da narrativa de Fidélis Dalcin Barbosa tiveram conflitos. Os índios se deslocavam com frequência em busca

de lugares com mais possibilidades de alimentos e onde pudessem viver melhor. E isso variava de acordo com as épocas do ano.

Em *Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul* constam dados referentes às regiões que foram ocupadas pelos imigrantes. Através desses dados é possível compreender os conflitos entre índios e alemães, por exemplo. As terras planas do estado já eram propriedade dos portugueses, o primeiro grupo de estrangeiros a ocupar as terras gaúchas. Depois, as regiões de mata foram destinadas a alemães e italianos, e era ali que se encontravam os povos nativos, os índios, que já haviam tido conflitos com o primeiro grupo, o dos portugueses. Como se pode ler no já citado CEM ANOS DE GERMANIDADE NO RIO GRANDE DO SUL (1999, p. 50), “no tempo do império, antes de começar a imigração, a maior parte das terras cobertas de mata era propriedade do governo, enquanto que a terra do campo havia sido cedida aos portugueses.”

Ainda no mesmo livro, há um posicionamento claro em relação a alemães e nativos.

As colonizações governamentais oferecem para os recém-imigrados tanto vantagens como desvantagens. O apoio aos colonos por parte do governo, expresso em dinheiro, ferramentas, gado e para os primeiros tempos – também em gêneros alimentícios, representara um considerável estímulo pelo longo prazo concedido para saldar as dívidas feitas com a compra aos preços módicos de então. De alguns anos para cá, entretanto, essas vantagens foram retiradas, porque o governo do estado decidiu entregar terras apenas aos nativos. A mistura étnica e confessional se constitui num dos grandes males das atuais colonizações do governo. Em não poucos casos põe-se em prática uma ação planejada nesse sentido, visando, como se diz, a estimular a formação de “um tipo brasileiro uniforme”. (CEM ANOS DE GERMANIDADE NO RIO GRANDE DO SUL, 1999, p. 51.)

A questão principal aqui é que, até os dias de hoje, entende-se que os precursores da civilização no Rio Grande do Sul (e também em outros lugares, como em Santa Catarina) são os imigrantes. Quando, por exemplo, fala-se da formação do povo gaúcho em livros de história, surgem primeiramente os portugueses com seu método catequizador, depois os imigrantes alemães e italianos destacados principalmente pelo espírito empreendedor e desenvolvimento agrícola. Por fim, quando surgem os índios, destaca-se o espírito agressivo e o aspecto selvagem.

Apenas a título de exemplificação, Em *O vapor e o botoque*, Wittmann trabalha com a questão da relação entre imigrantes alemães e índios da tribo Xokleng no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. A passagem que segue assemelha-se aos casos de convívio entre os dois grupos no Rio Grande do Sul:

A presença alheia também causou espanto aos Xokleng. Para os antigos habitantes da região, os alemães eram pessoas estranhas chegando ao seu território. Não eram os Kaingang, seus inimigos históricos com quem muitas vezes disputavam frutos e animais, nem os tropeiros que atravessavam a serra levando bois para o norte. Eram colonos europeus que chegavam e, prontamente, realizavam derrubadas para a construção de casas, criação de animais e cultivos diversos. Ao longo dos anos, mais e mais homens, mulheres e crianças se estabeleceram nas terras próximas aos rios. Enquanto os imigrantes comemoravam a almejada propriedade e o desenvolvimento das colônias, os índios tinham cada vez mais o seu território de caça e coleta reduzido. Paulatinamente, a colonização prosseguiu tornando os encontros entre indígenas e alemães ainda mais frequentes. (WITTMANN, 2007, p. 31)

Assim, trazer informações da história da imigração alemã no sul do Brasil ajudará a compreender as nuances das narrativas de Wendling e Barbosa e também o quanto a Literatura de memória representa e encaixa-se bem com o tema histórico.

## 2.2 A escrita da Memória e a Literatura

Na introdução do livro *Palavra e imagem: memória e escritura*, Márcio Seligmann-Silva traz algumas observações importantes acerca da escrita da Memória. Define memória inicialmente como “construção de vínculos entre gerações e como fruto da sobrevivência traumática de passados violentos”<sup>4</sup>.

Há, na escrita da memória, entre tantos outros aspectos, uma ponte entre o que o escritor considera ser digno de ouvir/ler e entre o leitor que deve ouvir/ler. Como Seligmann-Silva diz, passados difíceis, mas de superação, são razões que unem gerações, pois trazem uma lição, algo que merece e deve ser contado a quem não presenciou/viveu aquele momento. Normalmente essa memória é ligada a uma negatividade que, graças à superação, já não é mais um aspecto negativo à geração mais jovem. Exemplo disso é a chegada e o estabelecimento dos primeiros imigrantes alemães em *A história de Walachai*. Há que abrir mata e começar uma vida onde não há nada que se pareça com o lugar de origem destes. É, então, uma saga que merece ser contada àqueles que já vieram ao mundo sem essa dificuldade a enfrentar.

Narrar em memórias a questão da imigração e de como a vida acontece dali em diante para quem imigrou, torna-se desafio. O escritor precisa ter em mente que há questões que muitas vezes extrapolam oceanos e que precisam se tornar compreensíveis ao leitor, como Cury afirma a seguir:

---

<sup>4</sup> SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Palavra e imagem: memória e escritura*. p. 10.

A imigração delinea-se em faces socioeconômicas, políticas, afetivas e culturais que a transformam em uma realidade somente apreensível na movência de um constante reconfigurar-se. A mistura de culturas e as “mestiçagens” que daí resultam perturbam nossos parâmetros tradicionais de uma cultura própria, de nação inteiriça. O imigrante – o outro, o “de fora” – coloca-nos diante da “estrangeiridade” que é dele, inerente à sua identidade, mas que é também a nossa, já que a busca de uma identidade para ele não pode se dar senão em confronto com a busca da nossa própria identidade, daquilo que nos constitui enquanto comunidade. (CURY, 2000, p. 165)

Essa mestiçagem, da qual trata Cury, é um dos pontos principais da Literatura de memória de imigração. O outro, aquele que é diferente do imigrante, existe, fala uma língua desconhecida e tem costumes que muitas vezes soam como estranhos. Esse ‘outro’ é alguém com quem a convivência será uma questão comum. Construir a sua própria identidade também se dá no reconhecimento do outro, daquilo que é estrangeiro para si, mas que também dessa forma permite o reconhecimento de si ao se ver projetado no outro.

Pensando nas duas obras aqui trabalhadas, tanto o imigrante/descendente alemão quanto o indígena são obrigados a conviver um com o outro pelo fato de habitarem o mesmo território. Ou seja, o conflito de identidades também acontece.

### 3 Análise das obras

Neste momento do trabalho será apresentada a análise das obras. Ter escolhido *A história de Walachai* e *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães* para serem o tema de análise se deve ao fato de que são narrativas pouco conhecidas e que tratam da questão da relação entre imigrantes alemães e indígenas, tema infelizmente ainda pouco explorado no campo da Literatura.

#### 3.1 A História de Walachai

Sob o viés de João Benno Wendling, o livro *A história de Walachai* é um registro da memória de um lugar. João Wendling foi professor e agricultor da localidade de Walachai, pertencente ao município de Morro Reuter, localizado a cerca de 65 quilômetros de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

João Benno Wendling (1923-2009) registrou, durante nove anos, a história da comunidade de Walachai, distrito rural da cidade de Morro Reuter, Rio Grande do Sul, localizada ao pé da serra gaúcha. A necessidade de preservar a memória de vitórias, conquistas e também derrotas já ocorre há muito tempo. Dessa forma, é possível entender o porquê da escritura de *A história de Walachai*, visto que nas memórias de João Benno Wendling, por exemplo, figura a pessoa de Mathias Mombach, sujeito que é considerado o fundador de Walachai, alferes de cavalaria da guarda de Napoleão Bonaparte, desbravador das matas fechadas e amedrontador-mor dos índios que lá já viviam.

*A história de Walachai*, livro escrito durante nove anos, tornou-se primeiramente conhecido em 2007 através do curta-metragem *O Livro de Walachai*, produzido e dirigido por Rejane Zilles. Depois do curta-metragem, deu-se a produção e estréia, em 2009, do filme *Walachai*, também de direção de Rejane Zilles e inspirado nos escritos de Wendling.

A motivação de João Wendling para escrever foi por acaso, pois na verdade quem deveria ter feito esse trabalho seria uma professora da Unisinos. Esta, conhecida apenas pelo sobrenome Keil, entrou em contato no ano de 1985 com o professor dizendo estar motivada a escrever um livro e seria contando a história da comunidade de Walachai. Ela deu início a algumas pesquisas, mas de um momento para o outro desapareceu e, dessa forma, João Wendling decidiu dar continuidade ao trabalho.

O livro é dividido em 31 capítulos que narram desde a saída de um imigrante da Alemanha até as gerações de pessoas que vivem até hoje em Walachai. Dentre os 31 capítulos, a nosso ver um dos mais interessantes narra a história do “fundador” de Walachai,

Mathias Mombach, a história da casa que este construiu, como se deu o povoamento de Walachai, o envolvimento da comunidade nas revoluções e guerras da época, a vida dos primeiros moradores, a questão da religião, da educação e da agricultura.

### 3.1.1 O “fundador” de Walachai

Mathias Mombach foi um imigrante alemão que junto com a esposa e 5 filhos saiu de Bremen em 23 de setembro de 1828 e chegou no dia 18 de março de 1829 em São Leopoldo. De lá foi abrindo a mata para o que mais tarde seria nomeado de Walachai. Esse homem, alferes de cavalaria do imperador francês Napoleão Bonaparte, construiu uma forte casa de madeira, madeira essa retirada da mata do lugar. Essa moradia inclusive ainda existe, com algumas modificações e reformas.

Segundo relatos, Mathias e a família teriam vivido isolados em Walachai por aproximadamente 20 anos.

Segundo dedução do fundador, na época devia ter existido uma taba de índios nas imediações onde atualmente mora Léo Guilherme Büttenbender, pois Mathias seguidamente observava subir fumaça mato afora naquela zona. Provas mais concretas surgiram lá pela primeira década do século XX, quando o proprietário Guilherme Büttenbender Filho, meu avô, derrubou a mata virgem no local para dar lugar à roça. O retardamento da exploração daquela área teve como causa a dificuldade de acesso devido ao vale rochoso e profundo, cortado pelo arroio Walachai. Quando os familiares trabalharam aquela terra encontraram, em grande quantidade, restos de vasilhames indígenas. Desprezando, ou melhor, ignorando o valor histórico desses objetos, divertiam-se em despedaçá-los com suas enxadas, fazendo assim desaparecer um valioso patrimônio histórico. (WENDLING, 2013, p. 41)

Em se tratando do primeiro alemão morador de Walachai, Mombach foi considerado mais tarde por Theodor Amstad como o eremita entre os índios.<sup>5</sup> Assim, compreende-se que ao chegarem em Walachai, Mathias e sua família não estavam sozinhos. Havia nativos na região e, pelas memórias de Wendling, a convivência mínima existente entre alemães e índios naquele momento não foi pacífica.

“Para se defender contra possíveis ataques dos índios, Mombach fez furos na porta da sala de visita e na porta do seu quarto, para caso fosse preciso, poder atirar por eles com a sua espingarda, sem abrir as portas.” (WENDLING, 2013, p. 33)

---

<sup>5</sup> BRAUN, Felipe Kuhn. Memórias de imigrantes alemães e seus descendentes no Sul do Brasil.



Entende-se, desse modo, que a relação foi de superioridade por parte dos alemães, pois em nenhum momento houve contato entre alemães e índios ali e, quando houve possibilidade de contato, o comportamento de Mathias, por exemplo, era de intimidação, conforme se pode ler a seguir: “Quando ele [Mathias] tocava sua buzina de chifre, como a comando, os cães uivavam, causando grande medo aos índios, que não conheciam esses bichos. Por esse motivo, Mombach ficou livre de ataques dos índios.” (WENDLING, 2013, p. 33)

Na visão de Wendling, Mathias Mombach é considerado o fundador de Walachai. É uma figura heroica para a comunidade, o desbravador das matas, o defensor contra os ataques indígenas, como bem é possível de identificar no trecho acima.

A vida dos primeiros moradores, segundo narrativa de Wendling, foi bastante difícil. Não havia estradas, apenas picadas abertas no meio da mata onde passavam apenas pessoas a pé, cavalos e burros de carga. Também não existia nenhum tipo de energia elétrica, sendo as casas iluminadas primeiramente por candeeiros alimentados por banha ou azeite de amendoim e mais tarde por lâmpadas de querosene. Apenas no final de 1961 é que Walachai teve suas primeiras casas iluminadas por luz elétrica. Cada morador teve de pagar pela instalação e, finalmente em 1987 a Companhia Estadual de Energia Elétrica trouxe a Walachai a energia elétrica trifásica.

Na vida dos primeiros moradores de Walachai, além das questões com transporte e energia elétrica, o narrador também traz ao leitor uma ideia da peculiaridade dos utensílios e hábitos domésticos. Os utensílios domésticos, tais como panelas, baldes, canecas e pratos eram feitos por funileiros com folhas de flandres. A carne era conservada fora de refrigeração, ou seja, salgada e defumada. Os colonos alemães também introduziram o costume de fazer a partir do caldo de cana uma espécie de geleia chamada por eles de *schmier*.

Os móveis utilizados pelos primeiros colonos alemães de Walachai eram rústicos, produzidos por eles mesmos com a madeira da mata. Apenas roupas haviam sido trazidas da Alemanha.

O machado, a foice e a serra foram os instrumentos agrícolas mais usados pelos primeiros colonos. Todo o trabalho inicial com a terra foi feito de modo bastante rudimentar em relação ao que se teve mais tarde. Pelas palavras de Wendling, por algum tempo o trabalho foi bastante difícil e exigiu esforço quase que sobrenatural, tanto dos agricultores quanto dos animais que eram usados para o trabalho na roça.

Sobre os meios de transporte que inicialmente foram utilizados, “por muitos anos foram o cavalo, o burro e a mula os únicos meios de transporte para fazer chegar a colheita ao paiol ou ao armazém” (WENDLING, 2013, p. 119). Da mesma forma, a troca de produtos

entre Hamburgo Velho (um bairro – hoje histórico – de Novo Hamburgo/RS) e São Leopoldo e os colonos de Walachai era feita com uso de burros. Ainda em 1945, alguns agricultores utilizavam-se desse tipo de meio de transporte. Porém, depois da Segunda Guerra Mundial, o uso frequente foi o de carroças, pois também houve melhorias na qualidade das estradas.

Ainda em relação à questão do transporte, havia uma diferença de montaria para homens e mulheres. Seria uma afronta se uma mulher se utilizasse da sela destinada à um homem. Wendling compara esse fato ao fato de hoje em dia mulheres usarem calças, também sendo motivo de escândalo na época, pois apenas saias eram permitidas.

Um dos aspectos mais importantes e característicos da comunidade de Walachai, segundo Wendling, é a religião. Diversas questões da comunidade eram intrínsecas à religião. A primeira escola, datada de 1866, por exemplo, era um oratório e possuía um sino que existe até hoje, porém agora instalado na igreja.

A questão da língua só passou a ser um problema para os moradores de Walachai quando houve a eclosão da Primeira Guerra Mundial. As pessoas começaram a ser incomodadas pela língua que falavam e então as aulas na escola, por exemplo, passaram a ser somente em português. Porém, o governo ainda não tinha oferecido escolas com aulas em português nas colônias alemãs. Como consta nas memórias de Wendling, os próprios colonos organizaram-se e deram início às escolas. Nesse período da história, na Primeira Guerra Mundial, a comunidade não sofreu tanto com a proibição e as escolas voltaram a funcionar normalmente, em alemão.

O período de maior tensão em relação à proibição da língua alemã nas comunidades de imigração foi a partir do ano de 1942, ano em que o Brasil declara apoio à Aliança, do lado contrário à Alemanha, na Segunda Guerra Mundial. Na comunidade de Walachai ocorreu uma proibição bem severa. Nas escolas, nas igrejas, nas festas e nos bailes houve um forte silenciamento da população.

Ainda sobre Mathias Mombach, as informações que se tem dessa figura histórica não são muitas. Tudo o que foi dito até o momento aqui nesta pesquisa foi retirado do livro de João Benno Wendling. Em sites como a Wikipédia, a questão que mais aparece quando citam o *fundador* de Walachai é o fato de ele ter estado sempre cercado de bugres selvagens, ou seja, os índios. Por “bugre”, de acordo com o dicionário Houaiss, entende-se uma definição de índio considerado não-cristão / herético pelos europeus; a palavra bugre remete ao termo bulgàrus, pois os búlgaros, por pertencerem à igreja greco-ortodoxa eram considerados heréticos. Assim também o termo bugre remete aos índios a imagem de não-cristão, inculto, selvático, ou seja, é sempre utilizado de uma forma pejorativa.

### 3.2 Luís Bugre na visão de Fidélis Dalcin Barbosa

Antes de dar início a este capítulo é preciso esclarecer que a obra em questão será apresentada e paralelamente será feita a análise da mesma. Isso porque, pelo fato de se tratar de uma obra pouco conhecida pelo público em geral, faz-se necessária tal apresentação. Assim, a análise constará concomitantemente à apresentação da narrativa.

O enredo de *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães* gira em torno da relação que tiveram os índios com os imigrantes alemães quando estes chegaram em São Vendelino. Escrito por Fidélis Dalcin Barbosa (1915 - 1997), professor de Língua Portuguesa e Literatura e jornalista, nascido em Montenegro/RS. Começou a escrever Literatura em 1961 e possui 24 livros publicados, sendo *Luís Bugre* o último deles, lançado em 1977 pela editora EST (Escola Superior de Teologia).

A família Versteg (Lamberto, Valfrida, Jacó e Lucila) chegou ao Rio Grande do Sul em 1858 e alocou-se em São Vendelino, localidade do vale do Forromeco, distante 30 quilômetros do município de Caxias do Sul. Ganharam um lote colonial de terras escolhido entre os morros do Diabo e da Canastra. Quando os filhos Jacó e Lucila completaram 13 e 11 anos, respectivamente, o sossego da família começou a desaparecer.

Como consta na narrativa de Barbosa, toda a região montanhosa que hoje é conhecida pelos municípios de Flores da Cunha, Bento Gonçalves, Farroupilha, Caxias do Sul e outros era habitada por índios Coroados ou, como nas memórias de Barbosa, por gente não branca. Conta que estes índios eram denominados popularmente de Bugres.

Bugre, segundo o dicionário Houaiss<sup>6</sup>, é todo e qualquer índio considerado não-cristão/herético pelos europeus. Tem ainda os sentidos de “inculto”, “selvático”, “estrangeiro”, “pagão”, ou seja, de conotação bastante pejorativa.

A história desse personagem, de certa forma bastante famoso – que é *Luís Bugre* – não foi contada apenas por Fidélis Barbosa. O caso ficou famoso justamente porque *Luís Bugre* foi o primeiro indígena, do qual se tem conhecimento, a falar alemão e a ter relativamente um bom contato com alemães. Digo isso porque, não fosse o episódio da captura de *Luís* pelos alemães quando este ainda era criança e também o episódio com a

---

<sup>6</sup> Explicação da nomenclatura já realizada anteriormente.

família Versteg, todo o resto de convívio foi pacífico. Por muito tempo houve uma boa relação de troca entre alemães e índios, e essa troca era intermediada por Luís Bugre.

A primeira aparição do personagem Luís Bugre nesta obra se dá, segundo narrativa de Barbosa, em uma noite em que os indígenas atacam uma propriedade rural dos colonos alemães. Todavia, os indígenas são surpreendidos pelos colonos e uma criança é ferida à bala no joelho, ficando prisioneira. Essa criança é Luís Bugre. Um morador da colônia decide então cuidá-lo e transforma-o em seu subalterno, não ficando claro na narrativa em que tipos de condições de trabalho. Este é introduzido na religião católica e batizado com o nome de Luís Antônio. Aprende, não sem dificuldade, a língua dos colonos e passa a fazer a troca de produtos entre colonos e índios, como pele de animais, cachaça e utensílios domésticos. Porém, jamais conseguiu ser governado, sendo corredor de mata junto com uma matilha de 12 cães.

Mas, livre filho da floresta, não se submete à obediência do patrão. Não gosta de trabalhar. Prefere correr mato, a caçar, munido de espingarda de dois canos e auxiliado por doze cachorros. Traz peles de animais, que vende aos colonos. Compra-as dos bugres em troca de cachaça e objetos de uso doméstico. (BARBOSA, 1977, p. 12)

Quando completa 20 anos de idade, Luís Bugre some da colônia e reaparece apenas meses depois junto com uma jovem indígena que seria sua companheira. Na mesma época, Lamberto Versteg recebe um convite para visitar um antigo amigo em outra cidade. Esse convite vem através de uma carta deixada no comércio do local. No exato momento em que Lamberto recebe a carta, Luís Bugre encontra-se nos fundos do comércio e ouve a conversa entre o comerciante e Lamberto, onde este fala em Luís Bugre. A raiva toma conta, pois o que mais lhe tira do sério é o fato de os colonos o chamarem de Bugre e é nesse momento que acontece o plano de atacar a moradia e a família de Lamberto quando este se encontrasse em outro município.

Luís Bugre aparece na propriedade dos Versteg quando Lamberto já havia partido e mostra-se bastante simpático com a família. Diz à Valfrida que veio avisá-los para que colocassem um pano branco no telhado, assim espantariam os índios maus. Na verdade, era apenas uma armadilha. Assim, os outros índios saberiam qual era a propriedade a ser atacada. Valfrida acreditou na palavra de Luís e não poderia ter sido diferente: no mesmo dia um grupo de índios ataca a propriedade, mata todos os animais, destrói a plantação, queima a casa e, por fim, leva sequestrados Valfrida, Jacó e Lucila.

Quando Lamberto regressa e depara-se com a tragédia ocorrida com a sua propriedade, dá-se conta que a família foi sequestrada. Imediatamente recorre aos vizinhos e amigos e juntos formam um grupo de 26 homens, os quais partem no dia 15 de janeiro de 1868 em busca dos 3 membros da família Versteg. Embrenham-se na mata e resistem por alguns dias, inclusive com a grande ajuda de dois cachorros que farejam e descobrem pedaços de tecido do vestido de Valfrida pelo caminho. Porém, não suportam algumas intempéries, como uma forte chuva e a escassez de comida, e acabam regressando depois de alguns dias. Lamberto inicialmente nega-se a voltar, contudo, depois da promessa de que, regressando entrariam em contato com socorro policial do governo em São Leopoldo, anima-se e decide-se a regressar junto com o restante do grupo.

São cerca de 50 bugres caingangues, estatura mediana. A cor amarelo-avermelhada dá-lhes um aspecto de um mulato escuro. Rosto redondo, com as maçãs salientes. Fronte pequena. Nariz largo e um pouco achatado. A boca é grande e os lábios reforçados. Olhos pretos, enviesados, dando um tom mongólico, algo semelhante a um japonês.

Mãos e pés pequenos. Pernas finas. Caminham com passo curto. Cabelos bem pretos, finos, lisos, abundantes e luzidios. Estão cortados em forma de coroa, dando impressão de uma rodilha enfiada na cabeça calva.

No resto do corpo, ausência total de pelos, que eles costumam arrancar. Arrancam até as sobrancelhas. Procedem assim para dar aos brancos uma ideia de juventude permanente.

Quase todos sem tanga. Alguns trazem penas de papagaio presas à coroa dos cabelos. Um que outro enfeite ao pescoço, preso por embira. Alguns rostos tatuados com desenhos. (BARBOSA, 1977, p. 26)

No trecho acima, o narrador descreve com riqueza de detalhes o aspecto físico dos índios que capturaram Valfrida, Jacó e Lucila. Percebe-se pelo trecho que o autor não é neutro quando trata de alguns costumes. Quando diz, por exemplo, que os índios arrancam os pelos para dar a impressão de jovialidade aos brancos, expõe um ponto de vista. Na verdade, trata-se de um costume indígena, sendo a afirmação do autor claramente um ponto de vista para uma possível aproximação.

Capturados pelos índios, Valfrida e os filhos caminham por horas pela mata fechada e, por isso, machucam muito os pés. Os índios aplicam um tipo de tratamento que é bastante dolorido aos três, porém, no outro dia, os três acordam sem dor alguma. Valfrida consegue inclusive dar início à uma fuga junto com os filhos enquanto os índios dormem, porém, mesmo depois de duas horas de caminhada pela mata a fuga termina sem sucesso e os três são novamente capturados pelos índios. Na noite deste mesmo dia, os índios acampam e assam um jacú caçado por eles. É uma noite alegre, festiva. Porém, em um dado momento da noite, um dos indígenas traz um recado ao cacique e a partir daí todos levantam e prosseguem na

caminhada. Valfrida tem certeza de que estão vindo salvá-los e, então, toma a atitude de deitar-se no chão junto com os filhos, recusando-se a seguir viagem. Os índios dão-lhes socos e pontapés e, não obtendo sucesso, ameaça-os de morte com flechas. Os três não têm o que fazer senão obedecer. Ao longo de toda a narrativa acontecem mais alguns episódios de revolta por parte dos alemães, mesmo sabendo dos riscos que corriam. Isso vai ser decisivo no desfecho da história.

Não demora muito e todos chegam à taba dos índios. Lá encontram-se novamente com as mulheres e crianças. É uma festa, principalmente pelos objetos, ferramentas e animais que são trazidos da antiga casa dos Versteg, como a vaca de leite Mabita, as panelas, as chaleiras e os bules.

Nesse ponto da narrativa, Barbosa descreve o lugar onde está localizada a taba e situa o leitor em um tempo futuro, na localidade que viria a tornar-se mais para a frente:

Ao final daquele descampado, avista-se um aldeamento, a cavalo de uma coxilha. É a taba dos caingangues. É lá que Valfrida e os filhos vão morar agora, como prisioneiros dos índios guaianás.

Sete anos mais tarde, em 1875, aquele local, batizado com o nome de Campo dos Bugres, dará início a uma grande cidade, a cidade de Caxias do Sul, fundada pelos imigrantes italianos. (BARBOSA, 1977, p. 33)

Valfrida, Jacó e Lucila são mantidos neste local sob os cuidados de Ceji, que, nas palavras de Barbosa, é “uma velha bugra”<sup>7</sup>. Valfrida orienta os filhos a serem simpáticos com os índios, pois acredita que essa seja a única maneira de conseguirem sair daquele local.

Em um determinado momento desse mesmo dia, Luís Bugre aparece na taba, para surpresa e espanto de Valfrida. Eles mantêm um curto diálogo, visto que Luís Bugre fala a língua dos colonos:

- Bom dia, mulher branco. Tu aqui? Fugir do marido, mulher ruim!
- Ah! Malvado! Tu ainda falas assim? Traidor! Tu és o culpado da nossa desgraça!...
- Traidor eu? Não, mulher! Luís, homem bom! Luís fazer mal ninguém.
- Meu bom Luís! Se és bom, como dizes, tem pena de nós. Tu podes nos salvar. Dá um jeito, sim, Luís! Meu marido vai te recompensar.
- Recompensar?! Quá, quá, quá! Eu saber disso. Branco recompensar Luís cadeia. Não, Luís não ser bobo!
- Escuta, Luís, meu marido sabe que nós estamos aqui?
- Marido saber sim. Homens, policiais, vir com espingardas. Bugres fugir imediatamente. Bugres levar mulher branco. Mulher orgulhosa agora ser bugre. Luís fala com riso de troça. Valfrida põe-se a chorar.
- Mulher chorar, mulher ruim, bugres zombar. Mulher rir, mulher bom, bugres honrar. Polícia matar bugres; bugres matar mulher branco e filhos...

---

<sup>7</sup> BARBOSA, Fidélis Dalcin. Luís Bugre – O indígena diante dos imigrantes alemães. p. 34

Não há mais esperança alguma para a infeliz mulher. Está perdida. Irremediavelmente perdida! (BARBOSA, 1977, p. 37)

Nesse ponto, é importante destacar a manobra de linguagem que o narrador utiliza. É sabido que entre os personagens que circulam neste enredo, nem a família alemã sabe falar português, tanto menos o grupo dos índios. Mesmo assim, na transcrição dos diálogos, o narrador utiliza-se de sua língua para caracterizar a forma de fala de ambos os grupos. Quando quem fala é Valfrida, a variante do português é a culta, mas não quando é Luís Bugre quem fala. Está aí claramente uma postura preconceituosa do narrador em relação aos índios.

A aparição de Luís Bugre tinha um motivo: vinha avisar aos índios que os brancos se aproximavam e que, desse modo, todos precisavam partir. Assim sucedeu. Levantaram acampamento e partiram rapidamente.

Do outro lado, os colonos alemães organizam-se em uma nova expedição, agora com a ajuda do delegado de polícia autorizado pelo governador da província. São dezoito colonos voluntários, e Luís Bugre também vai, pois ninguém desconfia de nada por parte dele. Em um determinado momento da expedição, chegam na taba dos índios. Ali conseguem ver que estes foram embora e assim acreditam que Luís Bugre falara a verdade ao grupo. O passo seguinte então é ditado por Luís Bugre, porém, este ordena aos expedicionários que tomem um rumo que é o completo oposto ao que estão indo os índios com os três prisioneiros.

Em meio a vários desafios encontrados ao longo de 23 dias de expedição, os imigrantes regressam à colônia sem qualquer tipo de sucesso na busca por Valfrida, Jacó e Lucila. Assim também Lamberto regressa junto com o grupo e, sem saber como seguir a vida, vende as terras que ainda eram a única coisa que restava e parte sem rumo e sem por muito tempo nada mais se saber sobre ele.

Os índios prosseguem caminho até chegarem à beira do rio das Antas. Por lá permanecem por volta de 40 dias, pois têm abundância de peixes e frutas. Valfrida, porém, definha rápido, sente que não sobreviverá a esse tipo de vida por muito tempo. Os três vivem em meio à mata e desprotegidos de chuva e sol. Valfrida então percebendo que poderá partir a qualquer momento, instrui os filhos a serem sempre honestos e virtuosos.

Jacó habitua-se facilmente aos costumes indígenas. Já sabe falar a língua dos nativos e gosta de participar das caçadas. Um certo dia, presencia a morte de um tigre. Acontece o ataque dos índios a dois tigres, porém, só um deles é morto. O outro, antes de fugir, rasga o ventre de um dos indígenas. Daí em diante é uma questão de honra que se mate esse segundo tigre. Ao longo da narrativa é comum que questões de honra sejam abordadas. Quando o

grupo ou alguém do grupo é afetado, é uma questão de honra para todos que haja vingança. O segundo tigre então é caçado à unha por um dos índios e, trazendo o troféu ao grupo, recebe a notícia de que o índio ferido está morto. A cabeça do tigre então é esmigalhada e todos comem da carne, acreditando serem assim fortalecidos.

Depois de dois meses longe da taba, o grupo encontra-se com Luís Bugre e este lhes dá a notícia de que a expedição oficial de procura à Valfrida e filhos foi cancelada. Desse modo, todos podem retornar à taba, e assim o fazem. Porém, passado algum tempo de volta à normalidade do cotidiano, os índios entediam-se e sentem que precisam de algo para reanimarem-se. Decidem então entrar em guerra com a tribo dos Coroados do Norte, com quem já haviam tido conflitos anteriormente e guerreado em 1864. Assim, começa uma nova expedição. Partem para um lado do Rio Grande do Sul que ainda não é habitado por colonos, há apenas os índios Coroados, o nordeste do estado, no alto do rio Uruguai.

O embate acontece e nove índios do Norte morrem, contra apenas três do Sul. O grupo do Sul captura a esposa do cacique do Norte e, dessa forma, estão com o troféu da vitória.

Apesar da alegria, os índios do Sul sabem que os índios do Norte tentarão de todo modo resgatar a prisioneira. Sabem que haverá mais embates sangrentos, porém, com a ajuda de Luís Bugre, o qual lhes vendeu facas vindas dos imigrantes, estão tranquilizados. Há mais um embate sangrento entre as duas tribos e muitos guerreiros morrem. Os nortistas conseguem recuperar a esposa do cacique. O cacique dos sulistas propõe um último embate. O cacique do Norte quer um refém do outro lado. O cacique do Sul então propõe entregar um dos brancos, mas os nortistas não aceitam, querem um índio.

A luta então acontece e quem sai vitorioso é o cacique do Sul. Os corpos de ambos os lados são enterrados e assim finda-se a guerra. Porém, ao debandarem, os índios do Norte arquitetam uma última vingança e desferem muitas flechadas, atingindo crianças e mulheres do lado Sul. Uma dessas mulheres mortas é Ceji, a guardiã de Valfrida.

O fato de Ceji ter morrido faz com que a vida de Valfrida e de Lucila se torne bem difícil. O cacique da tribo inclusive convida Valfrida para ser uma de suas esposas. Rejeitando o pedido, Valfrida passa a ser perseguida, maltratada e agredida fisicamente pelo grupo todo.

Em uma conversa que tem com a filha, Valfrida fala que agora, sem Ceji para controlá-las o tempo todo, a fuga seria mais fácil. Porém, Luís Bugre está na espreita e ouve tudo o que as duas falam. Valfrida então é pega pelos bugres e levada para a mata onde, depois de ser açoitada, é amarrada em uma árvore e executada com flechas. Jacó e Lucila ficam desolados, porém, lembram-se das palavras de Valfrida e decidem não revoltarem-se.



Passa-se um longo tempo, cerca de 1 ano, e então, depois de algumas expedições na mata, Jacó descobre que não muito longe dali há fazendas e que podem ali pedir socorro. Assim, ele e Lucila tentam a fuga. Porém, logo no início são pegos pelo cacique e, em virtude da desobediência, no dia seguinte, Lucila desaparece. Desaparece para nunca mais voltar. Jacó acredita que Lucila teve o mesmo destino da mãe, porém, ninguém lhe fala nada, só dizem que foi levada por três homens e que não voltará mais.

Jacó então já um moço forte de 15 anos de idade, sente tamanha tristeza que começa a definhar. O cacique diz que um homem livre e guerreiro como ele não pode ficar preso assim à família. Jacó passa a ter certeza de que a irmã não vive mais.

Realmente, nunca mais tem notícia dela. Nunca mais. Ninguém. Nenhum branco teve jamais alguma informação acerca do destino daquela jovem imigrante, que deixara o conforto da civilização europeia para embrenhar-se nas matas do Brasil. (BARBOSA, 1977, p. 67)

Passam-se cinco meses do desaparecimento de Lucila. Haverá uma festa na tribo com convidados de outra tribo. Os índios bebem cauim (bebida alcoólica típica indígena produzida a partir de mandioca) e ficam bêbados. Travam lutas. É nesse momento que Jacó sai do entorno e corre no meio da mata com toda a velocidade possível. Corre a noite inteira até cair no cansaço e no sono. Quando desperta continua a fuga até chegar à um campo aberto. Porém, os índios o alcançam e ele acredita então estar perdido. Luta com alguns e, acreditando estar perdida a batalha, chegam gaúchos e espantam os índios.

Jacó está feliz. Nunca esteve tão feliz em toda a sua vida. Realizou, enfim, o seu sonho de vingança. A mais gloriosa vingança. Mataram minha mãe para que eu não fugisse. Sumiram com minha irmã para que eu não fugisse, e eu lhes escapei das mãos como peixe escorregadio, como ave ao laço do caçador. (BARBOSA, 1977, p. 70)

Nesse ponto da narrativa, a história toma um tom de heroísmo, pois, apesar de tudo que aconteceu com a família Versteg, ao final da história a vitória é de Jacó, que sai vencedor por ter conseguido se salvar dos índios.

Na fazenda dos gaúchos que resgataram Jacó, este recebe um excelente tratamento e é convidado a ficar morando ali. Num certo dia aparece ali um comprador de gado e este é de origem alemã, está vindo de São Leopoldo. Este também conhece São Vendelino e a história da família Versteg. Então ele e Jacó travam um diálogo em alemão e Jacó decide voltar para a região na esperança de reencontrar o pai.

Jacó passa a trabalhar no comércio em São Leopoldo e frequentando a escola conjuntamente à isso. Em um certo dia, no porto do rio dos Sinos, Jacó depara-se com um senhor que logo depois identifica ser seu pai, Lamberto Versteg. A emoção naquele momento é grande e a partir dali os dois passam a viver juntos. Não demora muito, porém, e Lamberto adoece e falece de uma pneumonia, ficando, assim, novamente Jacó sozinho.

Depois desse episódio, Jacó compra terras em São Vendelino, casa-se com uma moça também alemã e os dois têm então treze filhos juntos. Em alguns momentos ele é chamado de Jacó Bugre, o que muito lhe desagradava. Jacó morre aos 80 anos, no ano de 1935.

Luiz Bugre também teve filhos (dois) e viveu no município de Carlos Barbosa. Segundo narrativa de Fidélis Dalcin Barbosa, este morre afogado tentando atravessar o rio das Antas.

Através de suas memórias, Fidélis Dalcin Barbosa trouxe, em *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães*, a narrativa de um fato histórico, porém transformado em ficção pela visão do autor. É um episódio na história da imigração alemã de um lugar específico: São Vendelino.

O enredo trata da rivalidade instaurada entre imigrantes alemães e índios, dada pelo fato de dois grupos distintos habitarem o mesmo espaço. Nas memórias de Barbosa, como já exemplificado anteriormente, há claramente uma posição adotada pelo narrador.

Diferentemente do que se diz em relação ao contato entre índios e alemães em *A história de Walachai*, nas memórias de Fidélis Dalcin Barbosa o conflito acontecia com certa frequência na região do Vale do Forromeco, mais especificamente na localidade de São Vendelino.

Os imigrantes, penetrando na mata, vão ocupando as terras que os índios consideravam de sua exclusiva propriedade. Por isso, não toleram eles a desenfreada e sistemática devastação de seus domínios, a derrubada das matas, onde conseguem o sustento, nos animais, aves e frutas. Tratam então de dar combate aos colonizadores. Combate impiedoso, sem tréguas.

Não foram poucas as famílias imigrantes que sofreram a terrível perseguição dos caingangues. Algumas foram massacradas. Outras viram-se obrigadas a abandonar as terras que acabavam de ocupar. (BARBOSA, 1977, p. 11)

Nesse trecho pode-se ver claramente que o autor toma posição em relação ao grupo que considera ser vítima e aquele que ataca. Mesmo com o fato de que os imigrantes terem ganho uma enorme ajuda do governo para se estabelecerem nas colônias gaúchas, é notório que o intuito de povoamento por pessoas brancas foi superior a qualquer outro pensamento, inclusive na Literatura.

Um aspecto seguinte, digno de comparação entre as duas obras, é que o desfecho é diferente nas duas narrativas. Em *A história de Walachai*, os índios recuam e quem sai vitorioso é Mathias Mombach e sua família. Já na história de Luís Bugre, apesar de o grupo de imigrantes se manter no lugar para onde foram inicialmente destinados, a história fica marcada pela tragédia da família Versteg e, dessa forma, ocorre de certa forma uma vitória indígena na demonstração de forças.

#### 4. Considerações finais

As relações humanas, desde que se tem conhecimento de sua existência, foram conflituosas, de uma forma ou de outra. Não poderia ser diferente em um contexto de imigração. É assim ainda nos dias de hoje se pensarmos, por exemplo, nos imigrantes haitianos e senegaleses aqui no Brasil ou nos refugiados sírios na Europa. Por mais que existam políticas de inclusão – diferenciadas com certeza das políticas de 1824 para alemães aqui no Brasil, por exemplo –, ainda assim ocorrerão os conflitos, sutilmente ou não, entre culturas diferentes que ocupam um mesmo território geográfico.

O principal objetivo desse trabalho de conclusão de curso era identificar e analisar como se deu a relação entre duas culturas diferentes que, em um determinado momento histórico e em um determinado espaço geográfico, passaram a se localizar paralelamente em um mesmo espaço.

Digo isso porque de fato não houve possibilidade de escolha de nenhuma das partes. Os índios, povo originário das terras brasileiras, segundo a lógica de exploração da época, não eram donos das terras, pois jamais haviam pago para estarem ali e garantirem que determinado espaço lhes pertencesse. Do outro lado (atravessando oceanos, inclusive), estavam os imigrantes alemães, em sua grande maioria paupérrimos e que procuravam vida nova em terras brasileiras, acrescentando a isso as grandes promessas que o governo imperial fazia a eles.

Unindo o desejo do governo brasileiro da época, desejo esse que era o de branqueamento da população e de ter habitantes que fizessem da agricultura uma forma de ascensão econômica do país à necessidade de tentar vida nova em terras tupiniquins, deu-se a primeira leva de imigrantes alemães em 1824.

Desde então deu-se também o conflito entre a população nativa e os imigrantes, pois grande parte dos locais onde estes foram alocados também já contavam com a presença de índios. Na obra de Wendling, como se pode ver, foi a região do Vale do Rio dos Sinos e na obra de Barbosa foi a região do entorno de Caxias do Sul.

Desconsiderando posicionamentos em relação aos grupos distintos, a questão que me inquietava desde a minha entrada no projeto de pesquisa ECALB era a pouquíssima quantidade de pesquisas e publicações tratando desse tema. E não apenas estudos feitos sobre o tema, mas também os próprios livros de Literatura selecionados no projeto tinham poucas referências ao assunto.

Na pesquisa realizada no trabalho que aqui se encontra, analisei apenas a relação entre imigrantes alemães e índios. Porém, também é interessante observar outras relações dos imigrantes, como se deu com os negros que aqui viviam na mesma época, por exemplo. A título de conhecimento, vale mencionar que em *A Ferro e Fogo – Tempo de solidão*, de Josué Guimarães, há um trecho em que o personagem Gründling (imigrante alemão) faz referência aos negros:

– Ouro é o que vale – insistiu no seu bom alemão. – Digo a vocês agora que Deus inventou o negro para derrubar mato, cavar terra e carregar água. Não há sol que consiga queimar a sua pele, as patas e as mãos deles têm cascos que fazem a inveja de quanta mula existe por aí, da Feitoria às bandas do Uruguai. (GUIMARÃES, 1991, p. 7)

Também no mesmo livro e com o mesmo personagem alemão há uma breve referência aos índios, que vale mencionar ao final deste trabalho:

Para domar cavalo xucro, camperear, marcar boi, castrar bicho e servir mate, que vocês pensam que o diabo inventou? Digam, se forem capazes. Pois eu digo, seus imbecis, que para isso o diabo inventou o índio, o bugre, que forma com o cavalo um só corpo, que segue rastro de gente ou de bicho, que tem um nariz capaz de cheirar um tigre a uma légua de distância. (GUIMARÃES, 1991. p. 8)

Ou seja, mais uma vez pode-se constatar que nas raras vezes em que há presença de relação de imigrantes e/ou descendentes de alemães com índios e/ou negros na Literatura Brasileira, a ocorrência é mínima e a maior voz é dada aos imigrantes. Aos outros resta uma comparação com os animais – uma sub-humanidade, do ponto de vista desses narradores.

Assim, brotou a ideia de analisar esse aspecto relacionado à imigração alemã dentro da Literatura Brasileira. As obras de Wendling e de Barbosa tratam dessa relação – conflituosa – entre imigrantes alemães e índios e, além disso, o desfecho de ambas foi bastante diverso, o que instigou ainda mais a ideia de fazer a comparação entre ambas.

Uma das maiores dificuldades foi encontrar um número considerável de leituras de apoio para a análise, pois acabou se tornando um tema bem específico que englobou Literatura Brasileira, imigração alemã, Literatura de Memória, Literatura Comparada e história da presença indígena no Rio Grande do Sul.

Nas análises das obras foi possível inferir que ambos os narradores se posicionam na voz do imigrante alemão. Isto é, em *A história de Walachai* nem sequer se tem a presença de fato da figura do índio, apenas a ideia dele e de que é preciso combatê-lo caso haja aproximação: “onde há fumaça, há fogo”, lembrando que Mombach via fumaça em meio à

mata.. Em *Luís Bugre: o indígena diante dos imigrantes alemães* há o contato e, assim, o conflito direto entre os grupos. Quando Barbosa traz à sua narrativa a questão da posse das terras, diz que os imigrantes ocuparam-nas enquanto que os índios consideravam-se donos exclusivos e combatiam impiedosamente os imigrantes que chegavam.

Ainda sobre a questão da linguagem, quando o narrador de *Luís Bugre* trata da chegada dos imigrantes, refere-se usando o termo ‘contrato’ para falar da relação entre o governo e os imigrantes, ocultando a ideia de fuga da pobreza de grande parte destes. Ou seja, é uma política do país de colocar pobre contra pobre.

Pretende-se dar seguimento à pesquisa, pois há ainda muitos aspectos relevantes a serem explorados e o conjunto de obras do projeto ECALB é vasto e bastante diverso, o que possibilita a ampliação do horizonte para futuras pesquisas.

## 5. Referências Bibliográficas

- AQUINO, Ivânia Campigotto. *A representação da etnia alemã no romance sul-riograndense*. Passo Fundo: Ed. UPF. 2007.
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. *Luís Bugre – O indígena diante dos imigrantes alemães*. Departamento editorial da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.
- BRAUN, Felipe Kuhn. *Memórias de imigrantes alemães e seus descendentes no sul do Brasil*. Disponível em: [https://books.google.com.br/books/about/Mem%C3%B3rias\\_de\\_imigrantes\\_alem%C3%A3es\\_e\\_seus.html?hl=pt-BR&id=d7VnuXfd9EoC](https://books.google.com.br/books/about/Mem%C3%B3rias_de_imigrantes_alem%C3%A3es_e_seus.html?hl=pt-BR&id=d7VnuXfd9EoC) Editora Amstad. 2011.
- CEM ANOS DE GERMANIDADE NO RIO GRANDE DO SUL. Trad. Arthur B. Rambo. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.
- CURY, Maria Zilda. *Memórias da imigração* in SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.) *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006, p. 303 a 326.
- CURY, Maria Zilda. *De orientes e relatos. O estranho que me habita; um conceito operatório*. In PEREIRA, Maria Antonieta / SANTOS, Luis Alberto Brandão. (orgs.) *Trocas culturais na América Latina*. FALE-UFGM, p. 165 a 177. 2000.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006.
- WENDLING, João Benno. *A história de Walachai*. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas (CORAG), 2013.
- WITTMANN, Luisa Tombini. *O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926)* Florianópolis, Letras Contemporânea, 2007.